

SER PROFESSOR(A): BREVE APONTAMENTO SOBRE COMO DESENVOLVER E MANTER UMA POSTURA ATIVA DIANTE DA REALIDADE EM CRISE.

Claudia Flores Rodrigues ¹

Lédio de Jesus Matias ²

RESUMO

Este apontamento propõe uma reflexão sobre o trabalho docente, a formação do humano e as práticas pedagógicas. Pensar na Educação pressupõe criar estratégias de formação docente que possibilite a criação de uma escola transformadora e avessa à alienação que é excludente por excelência. A falta de formação inicial para a atuação no magistério se reflete no aluno. Isso posto, é necessário que pensemos no COMO SE APRENDE para que isso reflita no COMO SE ENSINA.

Palavras-chave: Formação. Educação. Práxis

Ao apresentar nossa ideia inicial, cabe lembrar Ezequiel Theodoro da Silva (2002) para quem **o ser humano pode fugir aos padrões** e, nesse caso, todo o referencial que seja erguido a partir desses padrões tende ao desvio e à indignação sadia, cívica, de quem o lê. Assim, nos autorizamos a falar

das dificuldades que nos saltam aos olhos diariamente. Uma delas é a necessidade de se pensar seriamente na formação do docente. Eis um ponto crucial da crise na educação. Pensamos, enquanto educadores e sujeitos, que se não lutarmos contra a alienação, se não buscarmos formas de pensar

¹ Licenciada em Letras/Espanhol (FAMES), Especialista em Coordenação e Supervisão Escolar (UNIFRA), Especialista em Metodologia do Ensino Superior (FGV – em andamento), Mestre em Educação (UFSM), Doutoranda em Educação (PUCRS).

² Licenciado em Teologia e Pedagogia, Especialista em Supervisão Escolar e Psicologia Escolar, Mestre em Educação e Doutorando em Educação (PUCRS).

e criar uma escola socialmente transformadora, de nada terá valido tanto empenho e tanto estudo. Isso posto, este apontamento pretende contribuir para o despertar (ou ressurreição?) de alguns professores brasileiros que – infelizmente – ainda continuam em estado de letargia, ofuscados em seu “bom-senso” pela opressão.

Ao passo que aumenta a complexidade da vida do sujeito, e do grupo, a educação é cada vez mais relevante, a tal ponto que na sociedade contemporânea está sempre presente em lugar de destaque. No mundo globalizado e competitivo se faz (urgente e) necessário rever os conceitos sobre a educação. Nesse sentido, não é o uso de novas metodologias o fator principal para melhorar o que existe, mas o exercício de repensar, desde as raízes, **todo o sistema de educação** e rever a intencionalidade do docente explicitada em sua prática. Isso implica, no fazer docente, conhecer a sua subjetividade e a influência que essa exerce sobre a prática cotidiana.

Existe, em constância e desassossego, a seguinte pergunta: **Em que medida a categoria docente aproveita a historiografia do seu passado acadêmico para construir novas práticas no presente?** Esse quadro de perplexidade e angústia sinaliza para a necessária resignificação e reconstrução do papel identitário dos profissionais em educação, na perspectiva de que o desenvolvimento profissional pode – e deve – emergir de processos de reflexão crítica dos sujeitos como pessoas historicamente inseridas num contexto

político-institucional próprio.

Ao focar os sentidos deste trabalho no cotidiano, e foi inevitável adentrar nos **não sentidos** desse cotidiano, podemos afirmar que aquilo que tem marcado – em parte – a educação são as contradições que os docentes encontram entre as requisições dos afazeres da prática e as precárias possibilidades de suas realizações; dissonâncias entre seu papel profissional e as urgências das soluções cotidianas de problemas; suas angústias entre querer transformar o ambiente de trabalho e as resistências decorrentes das faltas de condições para tal. Enfim, entre o querer fazer e o não saber como – ou não poder – fazer.

Dessa forma é urgente que se proponha buscar e analisar as dificuldades para a compreensão dos processos de formação da identidade profissional e das difíceis possibilidades de resignificação desses processos. Antes disso, deve haver uma reconsideração daquilo que se espera e daquilo que se quer em educação. O que afinal, nós professamos? Onde está o sentido da escola para professores, pais e alunos? Na busca da clareza de compreensão dessas questões é que se poderá iniciar um trabalho de construção social da identidade do profissional docente.

É de se considerar que uma das grandes dificuldades dos profissionais da educação é motivar os professores para que sejam autores na construção de um trabalho eficiente e produtivo na escola. A **falta de formação inicial para o exercício dessa atuação se reflete no aluno. Quanto a isso, cabe**

perguntar: Quantos cursos têm o objetivo de analisar o COMO SE APRENDE para que isso reflita no COMO SE ENSINA? Muitos profissionais do ensino, com raras exceções, não foram formados para tal enfrentamento. Formaram-se professores em diversas áreas do conhecimento, participaram de processo seletivo de ensino e foram jogados no campo da educação, premidos pelas urgências do cotidiano, envolvidos em alguns projetos específicos ou atendendo a requisições pontuais da direção da instituição. O afeto (do professor para com o aluno e vice-versa), tem sido relegado a um segundo plano. A incomunicabilidade entre ambos se instala de maneira precisa, rápida e aterrorizante (no nosso ponto de vista). Essa situação por certo decorre das concepções epistemológicas que consideram que **não há especificidade no trabalho pedagógico**, fruto talvez dos pressupostos decorrentes da racionalidade técnica que desconsidera a complexidade dos fenômenos da práxis educativa. Isso, como hoje já se sabe, é um equívoco, bastante enfatizado por Pérez Gómez (1998, p.100) quando afirma que os problemas da prática “não podem ser reduzidos a problemas meramente instrumentais, que transformam a tarefa profissional em a uma simplória escolha e aplicação de meios e procedimentos”.

Para trabalhar com a dinâmica dos processos de ensinar e aprender, é preciso ter a convicção de que qualquer situação educativa é complexa, permeada por conflitos de valores e perspectivas, que carrega um forte componente axiológico e

ético e que demanda um trabalho impregnado de clareza de propósitos e com um espaço construído de **autonomia profissional**. Com isso não significa que o profissional em educação que não tenha tido formação inicial na área das humanas, tenha que se utilizar dos saberes técnicos por anos a fio. Pensamos que é importante se fazer um profissional do magistério, uma vez que essa escolha esteja carregada de iniciativa para extrapolar o campo dos saberes tidos como definitivos.

É fundamental ao profissional estar atento e perceber-se como um tipo de educador que precisa, no exercício de sua função, produzir a articulação crítica entre o educando e seu contexto; entre teoria educacional e prática educativa; entre o ser e o fazer educativo, num processo que seja ao mesmo tempo formativo e emancipador, crítico e compromissado. Nesse ponto, os limites e possibilidades do educador e da sua realidade podem ser entendidos como a ação que evidencia o esclarecimento reflexivo e transformador da práxis docente.

Nesta parte do texto, importa evocar a palavra de Mosquera (2009, p. 43), que é por si um apelo lúcido e coerente para que se pense na Educação com seriedade: “Concordamos em que estamos na Era da Descontinuidade e do turbilhão, do conflito e, por isto, consideramos que a Educação está presa a dois fogos, dois estilos de sociedade. Podemos afirmar que a Educação se movimenta entre a conservação e a inovação e, conseqüentemente, estamos numa

época de enormes tensões e conflitos”.

Entre educadores a formação contínua haverá que ser feita para que se conheça o papel ativo do profissional em educação, que através do autocohecimento poderá reconstruir os condicionantes de sua existência, os pressupostos de suas escolhas cotidianas, bem como se reconstruir como pessoa, como identidade autônoma.

É bem sabido que historicamente a classe profissional docente tem sofrido com o desprestígio social da profissão, com a descaracterização da identidade coletiva da classe, com as dificuldades inerentes ao próprio processo de ensino perante as demandas sociais. Há que se entender as profundas dissonâncias do educador com a construção de seu papel social, de sua identidade profissional e pessoal. Enfrentar a discussão de sentido da escola, sugere algumas referências propostas por Imbert (2003, p. 74) que redireciona essa questão a partir da discussão da práxis pedagógica como instrumento de reavivar, desnaturalizar a escola que temos.

Imbert (2003, p. 73) afirma que a mudança da escola e das práticas pedagógicas só poderá se realizar quando se operar uma transformação no imaginário dos educadores em sua dupla dimensão: ideológica e narcísica. Afirma o autor, que “a práxis visa à desocultação das articulações simbólicas e imaginárias da instituição, **subverte o desconhecimento instituído, no qual as pessoas e os coletivos perdem suas capacidades autônomas**”. Dessa forma, fica claro que a escola não se transfor-

ma (apenas) por projetos inovadores, normalmente impostos por via burocrática. A escola só vislumbrará mudança verdadeiramente, quando os **educadores perceberem que ela pode e deve ser outra**. A questão da práxis é a consolidação de um projeto de autonomia, e esse projeto de autonomia implica trabalhar o imaginário sobre o qual a instituição se apoia, como um exercício de *reistoricizar a instituição*. Para o autor supracitado, o motor da educação é a práxis pedagógica, que funciona como um instrumento de produção de autonomia, na direção de *produzir sujeitos que falam*.

O professor, no processo de superação das dificuldades e da pretensão de autonomia, deve contar com a consciência do seu *inacabamento*, como nos falava Paulo Freire (1997, p. 67). A práxis como exercício pedagógico permite ao sujeito, enquanto sujeito histórico e coletivo, acessar os caminhos de sua autonomia e assim oferecer aos sujeitos/alunos, a partilha dela. Existem dificuldades, mas é preciso olhá-las de frente e vencê-las como um gladiador o faria na arena diante de feras. As feras do cotidiano estão – e continuarão aí – soltas, **mas há que vencê-las**.

Para Roberto Carneiro (2001), vivemos um tempo especial. O autor afirma que a vertigem tecnológica se apossou do cotidiano em uma veloz e ascendente crise e num turbilhão de incertezas. No meio do “fogo cruzado”. De um lado, a Educação permeada por complexidades, interrogações e, de outro lado, como a própria redentora, ou a resposta para que se descubra uma forma melhor de viver.

Reforçadas as dúvidas e certezas, é importante recorrer ao apelo inicial deste apontamento: **formar professores capacitados para atenderem à demanda de um mundo globalizado, permeado por incertezas**. Na tarefa da reinvenção do sujeito em corpo e alma, cabe apontar como via as aprendizagens fundamentais que se adquire ao longo da vida, em ambientes que vão desde a própria casa, a rua, o bairro, o clube, a escola até que se chegue ao espaço profissional. E nesse ponto, existe a fragilidade dos valores postos à prova, a insegurança dos próprios formadores em relação a eles e a falta de argumentos fundamentados nos valores universais e perenes: **o bem, a verdade e a fé**.

Estar fundamentado em teorias educacionais é importante, porém só isso não basta. É edificante estar em consonância às ideias de Ítalo Calvino (1994) e Medeiros (2009), que propunham a perenidade de determinados valores literários para o próximo milênio (hoje o século XXI), listados pelo autor na seguinte ordem: **leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência**. Na concepção de Calvino, a leveza seria pressuposto fundamental para a produção literária e que dessa forma o leitor vivencia aquilo que lê. Pois assim

pensamos (escribas deste texto) sobre o educar em sua complexidade: **há que se ter leveza e estar encharcado de valores que “pesem” e que sejam sentidos como meio para estimular a percepção de si e do outro**. O educador necessita de um liame verbal que transite no campo do saber para evolver pelo discurso coeso, significativo que reúna leveza e volatilidade num experimento ora linear, ora descontínuo de subjetividade. Não se trata de uma discussão profícua e informada sobre o problema metafísico da verdade. Mas uma pergunta simples, de caráter simples: *O que realmente queremos? Aonde pretendemos chegar se contrariarmos a lógica de se andar pra frente? O que é verdade? Quem sou eu? Em quem (ou quê) quero me tornar?*

Ao fim e ao cabo, se faz urgente um apelo: de que seja lançado um olhar sobre a relação entre a análise direta do mundo, o universo ilusório e o mundo simbólico transmitido pela cultura, para que nos dediquemos à interiorização de uma experiência sensível. Cabe ao educador *“fugir aos padrões”* ao optar por um despojamento responsável que o qualifique para **formar** e ser **formado** com lucidez perante as dificuldades de um mundo em *ebulição*. Do contrário, cairá em concepções ideológicas vazias de significado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMELINE, D.; FABRE, M. **Manifesto a favor dos pedagogos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARNEIRO, Roberto. **Fundamentos da Educação e da Aprendizagem**: 21 ensaios para o século 21. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2001.

FABRE, Michel. Existem saberes pedagógicos? In: HOUSSAYE, Jean. et. al. **Manifesto a favor dos pedagogos**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FREIRE, Ana Maria Araujo. **Paulo Freire**: uma história de vida. Indaiatuba: Villa das Letras, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p. 67.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1991.

GÓMEZ, Pérez; SACRISTÁN, Gimeno. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

IMBERT, Francis. **Para uma práxis pedagógica**. Brasília: Plano Editora, 2003.

MEDEIROS, Silvio. **ReLer ITALO CALVINO**. Disponível em: <<http://imprimis.arteblog.com.br/5869/ReLer-ITALO-CALVINO/>>. Acesso em: 15 set. 2009.

MOSQUERA, Juan José Mouriño. **Palestra proferida na XXXII Assembléia Geral da Maçonaria Simbólica do Brasil em 08 de julho de 2003**. (Material elaborado e distribuído pelo autor aos alunos do Doutorado em Educação da PUCRS). Porto Alegre, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

WIKIMICROPÍDIA. Disponível em: <<http://pt.micronations.wikia.com>>. Acesso em: 20 ago. 2009.

